

ACADEMIA MILITAR



GENERAL
FERNANDO TAMAGNINI DE ABREU E SILVA
(1856-1924)

PATRONO DOS CURSOS DE ENTRADA NA ACADEMIA MILITAR
ANO LETIVO 2012/2013

Trabalho realizado pelo:

Major de Infantaria FERNANDO MANUEL DA SILVA RITA¹
Academia Militar, Junho de 2012

PAGINAÇÃO, IMPRESSÃO E ACABAMENTOS:

CENTRO DE AUDIOVISUAIS DO EXÉRCITO/SECÇÃO DE ARTES GRÁFICAS

¹ Docente na Academia Militar. É Licenciado em Ciências Militares, pela Academia Militar, em Investigação Social Aplicada pela Universidade Moderna e em História pela Universidade Aberta. É Mestre em História Regional e Local, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e frequenta atualmente o doutoramento em História Moderna e Contemporânea, no Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE).

ACADEMIA MILITAR

GENERAL

FERNANDO TAMAGNINI DE ABREU E SILVA

(1856-1924)



PATRONO DOS CURSOS DE ENTRADA NA ACADEMIA MILITAR

ANO LETIVO 2012/2013

Introdução

A vida e a carreira militar do general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, será uma referência para os Cadetes-Alunos que ingressam na Academia Militar, no ano letivo 2012-2013, curso para o qual foi designado como Patrono.

Além das virtudes militares demonstradas em combate durante a Primeira Guerra Mundial, onde foi comandante do Corpo Expedicionário Português, Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, distinguiu-se também como um chefe exemplar, pela sua competência técnica, sentido de responsabilidade e o seu exemplo de ética, a par da sua coerência e lealdade, para com os valores e princípios em que acreditava.

Quem foi então este oficial, a quem o Governo da República confiou o comando de mais de cinquenta mil homens? O que é que o qualificava para tal missão?

Apesar de nunca ter servido em África ou ter desempenhado funções políticas durante a sua carreira militar; os seus percursos por diversas unidades do exército, juntamente com as diferentes comissões de serviço que prestou na Guarda Municipal de Lisboa, conferiram-lhe um atributo excepcionalmente importante, que era o facto de ser considerado um militar muito estudioso, astuto e disciplinador, o que lhe granjeou grande fama na época.

As suas qualidades de organizador, foram também largamente apreciadas e postas em relevo pelos críticos militares da época, de quase todas as nações aliadas, que assim lhe teceram os mais entusiásticos louvores.

Também a sua excepcional formação humanista, permitiu-lhe neste período de grande instabilidade política e social, através da sua alma de soldado, dar um exemplo de humildade e espírito de serviço, que de forma verdadeiramente desinteressada, nunca o motivaram para cargos políticos, que servissem interesses pessoais, conduzindo-o apenas ao cumprimento das missões que lhe eram atribuídas.

Estas foram apenas algumas das razões, porque foi escolhido o homem, que comandou tão importante destacamento, que marcou a História Militar do nosso país.

O Início da Carreira Militar

O general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, filho de António Eleutério Dias da Silva, que foi juiz da comarca de Alcácer do Sal e deputado das Cortes e de D. Angélica Tamagnini Dias da Silva, descendente duma família nobre italiana; nasceu na freguesia de Santa Maria, no concelho de Tomar, em 13 de maio de 1856.

Dias após ter completado 17 anos de idade, em 30 de junho de 1873, assentou praça como voluntário no Regimento de Cavalaria nº 2, em Lisboa, também conhecido por Regimento de Lanceiros da Rainha.

Após a sua incorporação, serviu dois anos e 179 dias nos postos inferiores do Exército, até 5 de janeiro de 1876, data em que sendo primeiro-sargento graduado em aspirante-a-oficial, do Regimento de Cavalaria nº 1, com sede em Elvas, igualmente designado por Lanceiros de Vítor Manuel, foi promovido a alferes graduado, sendo colocado novamente no Regimento de Cavalaria nº 2.

Passados vinte meses, em 12 de setembro de 1877, foi definitivamente promovido ao posto de alferes, sendo colocado no Regimento de Cavalaria nº 7, de caçadores a cavalo, em Bragança.²

A par da sua carreira militar, Fernando Tamagnini manteve também uma carreira de Regente de Estudos no Real Colégio Militar, instituição onde ministrou com aplicação, as disciplinas preferidas de História de Portugal e Latim, e onde desenvolveu grande amizade com os colegas Mousinho de Albuquerque, e o parente Fernando Maia e Bento da França, todos muito próximos, devido ao gosto que tinham pelos cavalos.

Tal colégio marcará a formação do jovem militar, mas também a sua vida pessoal. Foi através do subdiretor interino do Real Colégio Militar, que em 22 de dezembro de 1886 foi remetido o requerimento do ainda

² A arma de Cavalaria, segundo o plano de reorganização do Exército de 1864, estava organizada da seguinte forma: Oito Regimentos, sendo dois de Lanceiros e seis de Caçadores a Cavalo. Cada Regimento tinha na sua estrutura um Estado-Maior e um Estado-Menor, juntamente com três Esquadrões, que por sua vez se dividiam em duas companhias.

tenente do Regimento de Cavalaria nº 10, Fernando Tamagnini, a solicitar autorização à Secretaria da Guerra, para contrair matrimónio com Maria Isabel de Oliveira Pinto da França.³ A 8 de janeiro de 1887, Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, com 30 anos, casa com Maria Isabel de Oliveira Pinto da França, com 26 anos, que fazia parte de uma família de influência tradicional.⁴

O Serviço na Arma de Cavalaria e na Guarda Municipal

Ainda não completara 24 anos de idade, quando, por decreto de 10 de março de 1880, foi colocado pela primeira vez na Guarda Municipal de Lisboa, corpo que mais tarde, com a implantação da República, passou a fazer parte da futura Guarda Nacional Republicana.⁵

Com quase dois anos de antiguidade no posto de tenente, regressou ao Exército em 4 de março de 1885, tendo ficado colocado no Estado-Maior da Arma de Cavalaria, que foi criado logo após a reorganização de 30 de outubro de 1884.⁶

Em 9 de julho de 1886, passou a servir novamente no Regimento de Cavalaria nº 7, onde esteve colocado apenas dezoito dias, tendo sido transferido posteriormente para o Regimento de Cavalaria nº 10, em Aveiro, unidade igualmente recém-criada com a reforma de 1884. Decorridos menos de dois anos, em 24 de abril de 1888, transitou para o Regimento de Cavalaria nº 6, em Chaves.

³ AHM, Ver caixa 709; Requerimento incluído no processo individual do General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva.

⁴ Casamento sem filhos mas de longa cumplicidade e admiração mútuas, permitiu a Maria Isabel e Fernando Tamagnini, celebrarem uma vida comum recheada de vivências especiais, fruto do evoluir da história do país, mas também do percurso de vida de cada um in Isabel Pestana Marques no livro, *Memórias do General*, (1915/1919).

⁵ Com coordenação e texto de Nuno Andrade; o livro que comemora os 100 anos da Guarda Nacional Republicana; refere que no dia 3 de maio de 1911, a República cria formalmente a Guarda Nacional Republicana, com base nas antigas Guardas Municipais de Lisboa e Porto, suas antecessoras durante o regime monárquico. Constituindo-se assim como a primeira força de Segurança, organizada para atuar em todo o território nacional.

⁶ Com a reforma de 30 de outubro de 1884, a arma de Cavalaria sofreu alterações, tendo sido criados mais dois Regimentos de Caçadores a Cavalo, (Regimento de Cavalaria nº 9 e 10) passando nesse momento a ter dez regimentos. Foi também criado um Estado-Maior da Arma de Cavalaria e uma Inspeção-Geral da Arma, no mesmo período.

Com a idade de 32 anos, em 6 de junho de 1888, foi promovido ao posto de capitão, sendo colocado no Regimento de Cavalaria nº 8, em Castelo Branco. Ao fim de quatro meses, em 20 de outubro do mesmo ano, foi transferido para o Regimento de Cavalaria nº 4 do imperador da Alemanha, Guilherme II,⁷ que ficava situado em Belém. Após três anos de permanência neste regimento, foi nomeado diretor da Escola Regimental,⁸ cargo do qual foi exonerado em 2 de abril de 1893.

Em 3 de abril de 1893, voltou novamente a ser colocado, na Guarda Municipal de Lisboa.⁹ Como resultado das atividades ligadas à instrução, recebeu, em 14 de agosto de 1893, o primeiro louvor da sua carreira, já com 17 anos, “ (...) *pela maneira distinta de como desempenhou o encargo de membro da comissão nomeada (...) para elaborar um regulamento das escolas para praças de pré, da formação dos postos inferiores do exército (...)* ”.¹⁰

De acordo com a legislação então em vigor, em 28 de junho de 1898, foi promovido a capitão de 1ª classe. Sendo promovido a major, por decreto de 30 de setembro de 1899, já com 23 anos de serviço como oficial, e 43 de idade, ficou a desempenhar a partir desse momento, uma comissão de serviço dependente do Ministério do Reino.¹¹ No desempenho das mesmas funções foi promovido a tenente-coronel, por decreto de 10 de agosto de 1903.

⁷ Com esta designação por força da reorganização do exército em 1887.

⁸ A Escola Regimental, deveria funcionar no Regimento de Cavalaria nº 4, porque no Almanaque do Exército de 1891, o então capitão Tamagnini, aparecia escriturado como comandante da 6ª Companhia desse Regimento, período em que já desempenhava as funções de diretor da Escola Regimental.

⁹ As guardas municipais de Lisboa e Porto foram reorganizadas por decreto de 30 de abril de 1890, estando dependentes do Ministério do Reino, em tempo de paz e, em situação de mobilização, do Ministério da Guerra. Em 1890, além de ter sido criado um Comando-Geral, com dois segundos comandantes, um para Lisboa e outro para o Porto; as forças de Cavalaria em Lisboa passaram a organizar-se em quatro esquadrões: o 1º Esquadrão, no Carmo; o 2º e o 4º Esquadrão, posicionados em Cabeço de Bola; e o 3º Esquadrão, em Alcântara. O então capitão Tamagnini, foi comandar nesta colocação, o 1º Esquadrão, situado no Carmo.

¹⁰ AHM, Ver caixa 709; Transcrição da Folha de Matricula do general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, incluída no seu processo individual.

¹¹ Em 1901, o então major Tamagnini figurava já no Estado-Maior da Guarda municipal de Lisboa, sendo Comandante – Geral, o general de Divisão António Abranches Queirós e 2º comandante para Lisboa, o coronel de Infantaria Maximiliano Augusto Cabedo. Manteve a sua situação no Estado-Maior da Guarda Municipal de Lisboa, até regressar à arma de cavalaria, já como tenente-coronel.

Conhecedor das características e das exigências da Cavalaria, é neste período, no ano de 1904, que o tenente-coronel Tamagnini, vai escrever um pequeno livro intitulado, “*Serviço de Cavalaria em Campanha*”, que não foi mais do que uma compilação de vários elementos dispersos, que reunidos, serviriam melhor os oficiais de cavalaria, ao ponto de ser de imediato adotado pelo ensino da arma.

Colocado na situação de disponibilidade, por ter regressado do Ministério do Reino, em 25 de Junho de 1906, é nomeado nesta data, vogal do júri de provas, dos capitães candidatos ao posto de major de Cavalaria. Sendo ainda no mesmo ano, nomeado em 11 de Agosto, para fazer parte do júri do campeonato do cavalo de guerra.

Regressando à atividade em unidades da sua Arma, foi colocado novamente no Regimento de Cavalaria nº 2, em 12 de janeiro de 1907, primeira unidade onde prestou serviço, no início da sua carreira militar.

Seis meses mais tarde, em 14 de junho de 1907, foi nomeado júri do concurso hípico realizado entre 18 e 29 de Junho, na Real Tapada da Ajuda. Desta missão recebe, em 12 de julho, o segundo louvor da sua já longa carreira, com 31 anos de serviço e 51 de idade, “ (...) *pelo zelo, acerto, inteligência e dedicação com que desempenhou o serviço de membro do júri (...)* ”.¹² Em 15 de agosto do mesmo ano, torna a fazer parte outra vez, do júri do campeonato do cavalo de guerra.

No ano seguinte, em 1 de janeiro de 1908, recebe a sua primeira condecoração, ficando com o grau de *Cavaleiro da Real Ordem Militar de S. Bento de Avis*.

Decorridos poucos meses, em 3 de abril de 1908, transita pela terceira vez, para a Guarda Municipal de Lisboa, onde novamente ocupa lugar no Estado-Maior, sendo Comandante Geral Interino, o coronel de Cavalaria Filipe Malaquias de Lemos e 2º Comandante, o Coronel de Infantaria, Simão Maria Ventura.

No mesmo ano é promovido ao posto de coronel, por decreto de 14 de novembro de 1908, após o qual, foi nomeado comandante do Regimento de Cavalaria nº 5, com sede em Évora.

Em 1 de janeiro de 1909, foi posteriormente agraciado, agora com o grau de *Oficial da Real Ordem Militar de S. Bento de Avis*. Um ano e

¹² AHM, Ver caixa 709; Transcrição da Folha de Matricula do general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, incluída no seu processo individual.

meio depois, a 21 de julho de 1910, recebeu ainda o grau de *Comendador* da Ordem Militar acima referida.

Com 55 anos de idade, na vigência da República, e pelo papel que desempenhou como comandante do Regimento de Cavalaria nº 5, no apoio à Guarda Nacional Republicana, durante a repressão das manifestações de operários agrícolas em Évora, no ano de 1912, recebeu o terceiro louvor, “ (...) *pelos serviços que prestou durante a greve dos trabalhadores rurais em Évora*”.¹³

Em 1913, tomou parte na Escola de Repetição;¹⁴ tendo sido colocado em 20 de fevereiro de 1914, no Estado-Maior da arma de cavalaria e nomeado inspetor de cavalaria divisionária.

No ano de 1915, a 16 de janeiro, foi lhe dado o primeiro cargo importante depois de implantada a República. Com 58 anos, é nomeado comandante interino da Brigada de Cavalaria, sediada em Estremoz.

Já com 59 anos, por decreto de 10 de julho de 1915, foi promovido, por escolha, ao posto de general. Sete dias depois, foi nomeado comandante da 5ª Divisão, com sede em Coimbra. Foi ainda designado no último dia do ano, vogal do júri de exames, dos coronéis candidatos ao posto de general, durante o ano de 1916.

Torna-se assim, com a sua rica carreira militar, um conhecedor do país, das gentes e do funcionamento local, da instituição militar e da Guarda Municipal, futura Guarda Nacional Republicana.

Até à deflagração da Grande Guerra, Tamagnini vai assim construindo uma folha distinta e ascendente, na qual os seus superiores elogiaram a sua disciplina militar e a capacidade de comando.

O Serviço em Campanha na Primeira Guerra Mundial

A intenção de fazer participar Portugal, com tropas em França, na Grande Guerra, esteve sempre na consciência de alguns políticos republi-

¹³ AHM, Ver caixa 709; Transcrição da Folha de Matricula do General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, incluída no seu processo individual; tendo sido o mesmo louvor publicado na Ordem nº 2, do Comando da 4ª Divisão do Exército, em Évora, em 23 de fevereiro de 1912.

¹⁴ Nesta escola o seu desempenho destacou -se, ao ponto de o seu nome ser referido numa Ordem do Exército de 1914. Nesta ordem, Tamagnini, surge mencionado num relatório elaborado por vários comandantes de regimento e de unidades, que tomaram parte na referida escola no ano de 1913, enaltecendo o papel do então coronel Tamagnini.

canos, logo desde o início do conflito. Estava em causa a sobrevivência do respetivo regime, e por outro lado, houve a preocupação de garantir o reconhecimento internacional, e de assegurar a posse das suas colónias africanas, tão cobiçadas pela Alemanha.

Este quadro fazia com que certos sectores pretendessem a beligerância como solução. No entanto, a participação portuguesa na guerra, ao lado dos Aliados, teria de ser solicitada pela Inglaterra, ou pelo menos consentida e apoiada por esta. Desta forma, também se procurava evitar a possibilidade da velha aliada negociar a paz com os alemães, à custa das colónias nacionais.

Em março de 1916, a Alemanha declarou guerra a Portugal, devido à requisição dos seus navios fundeados, desde o princípio da guerra, nos portos portugueses. Este acontecimento havia sido combinado com a Inglaterra, que solicitou este procedimento, às autoridades de Portugal.

Da Primavera ao Inverno de 1916, tudo se preparou muito rapidamente, para o empenhamento na guerra. No início do Verão, surgem as primeiras manobras com uma Divisão de Instrução em Tancos, onde se procurava mostrar a capacidade de combate dos soldados portugueses, tendo culminado as mesmas com a execução de uma parada monumental. Finalmente, dá-se o começo do embarque das tropas portuguesas para o teatro de guerra europeu, no início do ano de 1917, prolongando-se até ao Verão.

Tinha sido entretanto enviado o Corpo Expedicionário Português (C.E.P.), que composto por duas divisões, seria comandado pelo general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva.



Figura 1 e 2 – A figura da esquerda representa as manobras militares que decorreram em Tancos com a Divisão de Instrução em 1916; à direita podemos observar o marechal Sir Douglas Haig, comandante Geral Britânico, juntamente com o general português, comandante do C.E.P., Fernando Tamagnini.

Foram sem dúvida as suas qualidades de comando, disciplina e prontidão em cumprir e fazer cumprir os desígnios superiores, nomeadamente como Comandante da 5ª Divisão, o que explica a sua nomeação, pelo Ministro da Guerra da época, Norton de Matos, para o comando da Divisão de Instrução, em 1916.

Nessa função, o general irá desempenhar uma diversidade de papéis que contribuiram para a preparação do C.E.P., através do que ficou conhecido como o “milagre de Tancos”

O general Tamagnini, mantendo ao mesmo tempo o comando da 5ª Divisão, acompanhará os preparativos de guerra por todo o país, calando motins antiguerristas e resistências no interior do exército ao esforço de guerra. Já no seu papel de chefia da Divisão de Instrução em Tancos, foi um comandante disciplinador de praças, mal preparadas, e de oficiais, resistentes e desmotivados para a contenda, demonstrando dessa forma, ser um admirável gestor de recursos humanos e materiais, o que permitiu o bom funcionamento das manobras e exercícios realizados em Tancos.

Desdobrou-se igualmente em actividades diplomáticas, com as comissões militares estrangeiras e com as visitas políticas a Tancos, sendo também um agente de relações públicas com as comitivas de jornalistas portugueses e estrangeiros. Todavia, os louros serão, sobretudo, para os políticos e outros responsáveis militares.

Perante os louvores atribuídos a vários militares, seus subalternos na Divisão de Instrução, pelo esforço de guerra, o general Tamagnini exige reconhecimento superior, sendo agraciado, com o seu quarto louvor, em 7 de agosto de 1916“ (...) *pelo muito critério, alta competência, muito patriotismo, lealdade e dedicação à República, de que deu as mais cabais provas, no modo superior como exerceu o comando da Divisão de Instrução concentrada em Tancos, e ainda no desempenho da comissão extraordinária e importante de serviço militar (...)*”.¹⁵

Após a instrução em Tancos, devido às dificuldades de iniciar o embarque das tropas divisionárias, é decidida a desconcentração dos militares, sendo o general obrigado a percorrer o país, enquanto inspetor, numa tentativa de manter o espírito de mobilização para a campanha, apesar dos numerosos obstáculos emergentes. A confirmar esta oposição

¹⁵ AHM, Ver caixa 709; Transcrição da Folha de Matricula do General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, incluída no seu processo individual.

à partida de militares para França, em 13 de dezembro de 1916, e nas vésperas da partida das tropas formadas em Tancos, ocorre mais um movimento liderado por Machado Santos, contra a política de guerra do Partido Democrático.

A perigosidade do ato em vésperas do embarque e o receio do impacto desta notícia de desestabilização, no governo britânico, exigia a tomada de medidas urgentes e convincentes. Prontamente, o general Tamagnini, é chamado por Norton de Matos para sufocar a rebelião, atribuindo-lhe mais um comando, o da 7ª Divisão em Tomar, outorgando-lhe autoridade sobre militares e civis na área das duas divisões, desde Coimbra a Tomar, num momento em que Portugal, vivia a declaração de estado de sítio.

Acompanhado de militares da sua confiança, o general percorre diferentes locais de rebelião, como Peniche, Leiria, Pombal, Coimbra, Figueira da Foz, Montemor, Tomar e Abrantes, tomando medidas, bem sucedidas, para destroçar as intenções dos revoltosos, sem derramar sangue. Terminada esta missão, Tamagnini, solicita já nos últimos dias do ano, a exoneração do cargo de comandante da 5ª e da 7ª Divisões, “(...)por ter sido nomeado para outra comissão de serviço(...)”.¹⁶

Dedicou-se a partir deste momento inteiramente, às forças expedicionárias que iriam embarcar para França, mantendo unicamente o comando da Divisão de Instrução. É ainda com esta função, que é chamado a visitar algumas unidades, como o Regimento de Infantaria nº 7 em Leiria e o nº 34 em Santarém, que recusavam marchar para o porto de embarque, em Lisboa, de forma a impor a disciplina que dificilmente era mantida pelos comandos locais.

Mas é com o decreto de 17 de janeiro de 1917, que foi finalmente confirmado como comandante do Corpo Expedicionário Português, tendo a 21 de fevereiro de 1917, partido para França, por via terrestre.¹⁷

Fazendo uma longa viagem de comboio por Espanha e França, com pausas para descanso e para receções diplomáticas, em diferentes locais, com diversas individualidades políticas e militares, chega ao sector do Corpo Expedicionário Português a 1 de Março, assumindo o seu comando, a 20 de março de 1917, com uma proclamação mobilizadora. Na Flandres

AHM, Ver caixa 709; Idem.

AHM, Ver caixa 709; Transcrição da Ficha do Serviço de Estatística do C.E.P; do General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, incluída no seu processo individual.

irá encontrar desta forma um processo de instalação de cerca de 55.000 homens, que lentamente irão chegar às trincheiras da Flandres.



Figura 3 e 4 – A figura da esquerda representa primeira proclamação do general Tamagnini às tropas portuguesas em França, à direita podemos observar os militares do corpo de Estado-Maior de um batalhão de Infantaria do C.E.P., estando ao centro, o general Tamagnini com os seus ajudantes

Organizar no terreno um tão grande número de tropas, integrá-las no esforço militar dos aliados britânicos, adaptá-las à receção da população civil francesa, e fazer com que cumpram os desígnios republicanos no conflito, irá obrigar o general a desempenhar mais uma vez, diferentes papéis, que já tinha efetuado na divisão de instrução, mas agora com maiores responsabilidades e exigências.

O teatro de guerra era um palco internacional de ações militares e políticas, no qual o jovem regime republicano português queria fazer-se notar, sendo Tamagnini, o seu representante máximo. Todos os portugueses, em França, serão personagens importantes nesse cenário, mas o general como comandante do C.E.P., torna-se numa figura central, que sempre defendeu desde o início, a autonomia da força militar portuguesa, a combater em França.

Foi por esta razão, que o general por duas vezes regressou a Lisboa na tentativa de, com a sua presença, pressionar o poder político a satis-

fazer condições fundamentais à construção e à manutenção de uma força expedicionária nacional, independente do Exército Britânico.

A primeira tentativa ocorre entre 2 e 22 de fevereiro de 1918, após a ordem governamental de 26 de janeiro de 1918 para reduzir o C.E.P., a uma só divisão, que seria incorporada no exército britânico. Apesar das conversações com o Ministro da Guerra na altura, Sidónio Pais, e a apresentação do seu pedido de substituição no Comando do C.E.P., Tamagnini regressa a França, com indicações para fazer cumprir a ordem recebida. Mas através dos seus esforços e, aproveitando-se ao mesmo tempo das dificuldades britânicas, consegue adiar a concretização da ordem que recebeu embora, apenas até 6 de abril de 1918; quando então retiraram da frente unidades da 1ª divisão, mantendo-se apenas a 2ª divisão na frente, incorporada no XI Corpo de Exército Britânico.

O segundo e último esforço, ocorre entre maio e junho de 1918, quando as forças britânicas em campanha pressionam Tamagnini e o governo português para reorganizar as forças expedicionárias portuguesas, sobreviventes ao 9 de Abril, após a *Batalha de La Lys*, tencionando dispersá-las pelas unidades britânicas e reduzindo-as a atividades de retaguarda, devido à perda de confiança dos Aliados nas tropas portuguesas desmoralizadas e à alegada falta de transportes britânicos para fazer deslocar reforços portugueses para França.



Figura 5 e 6 – Na figura da esquerda podemos observar o comandante Geral Britânico, marechal inglês Sir Douglas Haig, juntamente com os generais portugueses Tamagnini e Gomes da Costa; à direita surge uma imagem das trincheiras na Flandres.

Apesar do cenário em que a força portuguesa estava envolvida não ser o mais auspicioso, o general Tamagnini não deixou de vincar a sua coerência com a posição inicial, mostrando neste esforço a sua firmeza e integridade de carácter, quando insistiu novamente com Lisboa, para se efetuar a reorganização do C.E.P., de forma a mantê-lo autónomo e unido. Esta sua posição, não foi bem sucedida, tendo no entanto recebido ordem para não aceitar qualquer desrespeito no âmbito da Convenção luso-britânica, apesar de não ter meios para a fazer cumprir.

A rica vivência de Tamagnini em campanha traduzirá não só, uma grande experiência individual, mas também ajudará nos dias de hoje, a compreender as relações comportamentais dos combatentes portugueses nas trincheiras; as relações políticas e militares entre os exércitos aliados; a política de guerra dos diferentes governos portugueses; e o estado económico do país. Da mesma forma permitirá compreender o nível de instrução, material, e tecnológico do Exército Português, chamado à guerra europeia, assim como a instabilidade e vulnerabilidade do regime republicano, agravadas com o esforço de guerra.

A polémica desencadeada, em meados de 1918, em redor do Comando Geral do C.E.P., exigente de reforços para fazer cumprir a Convenção de 1917, é caracterizada pela imagem disciplinadora de Tamagnini, que era sentida progressivamente, como demasiado rigorosa pelo Estado-Maior do C.E.P. e pela Secretaria da Guerra, tornando a figura do general incómoda. O desejo de rápida substituição de Tamagnini, faz-se sentir junto de algum oficialato do C.E.P., nomeadamente o pertencente ao Estado-Maior, e nos bastidores do Ministério da Guerra.

Esta realidade era cada vez mais expressa na imprensa controlada pela campanha antigovernamental do Partido Democrático. Alguns jornais ajudarão a criar alguma animosidade, de parte da opinião pública, contra Fernando Tamagnini, ao apresentarem-no injustamente como um dos responsáveis pela integração do C.E.P., nos exércitos britânicos, antes e após a "*Batalha de La Lys*".

Por fim, este processo de fragilização da imagem do general atinge o auge quando este recebe, a 29 de junho de 1918, um telegrama a informá-lo que iria cumprir uma alta comissão de serviço em Portugal e que seria substituído pelo general Garcia Rosado no comando do C.E.P., devendo aguardar a sua chegada de Londres, onde o mesmo desempenhava uma missão diplomática. Ao ser exonerado oficialmente do comando do

C.E.P., por Decreto de 10 de julho de 1918, recebeu com a portaria da mesma data, o quinto louvor da sua carreira, de 42 anos de serviço, "(...) *pela forma distinta como exerceu o comando do Corpo Expedicionário Português, destinado a combater em França contra a Alemanha, onde afirmou, mais uma vez, as suas qualidades de militar sabedor e criterioso, honrando assim o exército a que pertence*".¹⁸

Tendo sido afastado do comando do C.E.P., por Sidónio Pais, a 10 de julho de 1918, como foi referido anteriormente, vê publicada em Ordem de Exército do mesmo mês, esta decisão, sem qualquer explicação presidencial ou ministerial. Por essa razão, a demora em tornar público semelhante decisão, colocará o general numa situação difícil, ficando retido no cargo à espera de ordem oficial de regresso, sendo alvo de uma série de boatos contraditórios sobre as razões da sua exoneração, que serão debilitadores da sua autoridade e prestígio militar. Cansado com a situação a que era exposto, solicita à Secretaria da Guerra em 24 de julho, o regresso a Portugal, antes da chegada de Garcia Rosado, e escreve a este mesmo militar, para apressar o seu regresso ao C.E.P. não tendo obtido com estas iniciativas grandes resultados.

A ausência de outro oficial general no C.E.P. a quem delegar o comando e o pedido insistente de militares de sua confiança para manter-se à frente do C.E.P., apesar de exonerado, revela mais uma vez a sua integridade de carácter e o seu espírito de missão, que contra todas as adversidades vão mantê-lo na sua função; preservando assim o prestígio da força portuguesa perante os Aliados, até à sua autorização oficial de regresso e respetiva substituição.

Finalmente, a 24 de Agosto, Tamagnini, deixa o comando nas mãos do general Garcia Rosado e regressa a Portugal de comboio. A 29 de agosto chega a Lisboa. Melindrado, usufrui da licença de campanha que ainda não tinha gozado. Só a 7 de setembro de 1918, irá apresentar-se oficialmente.

Durante o período, que esteve em campanha, em França, foi agraciado com várias condecorações: em 25 de julho de 1917, foi Condecorado com a Medalha Knight Comander of the Bath, concedida pelo Rei Jorge V de

¹⁸ AHM, Ver caixa 709; Transcrição da Folha de Matricula do General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, incluída no seu processo individual.

Inglaterra; em 12 de Novembro de 1917, foi distinguido com a Medalha Militar de prata da Classe de Bons Serviços pelo Ministro da Guerra em exercicio, Norton de Matos; recebeu depois, em 15 de janeiro de 1918, a Medalha de Ouro da Classe de Comportamento Exemplar, do então já Ministro da Guerra, Sidónio Pais.

Os últimos combates da sua vida

Em 17 de outubro de 1918, por decreto dessa data, volta a assumir o comando da 5ª Divisão. Esta era a outra comissão de serviço que lhe havia destinado Sidónio Pais. Ficou à frente da 5ª Divisão até 8 de fevereiro de 1919, data a partir da qual nunca mais comandará tropas, já que, por decreto de 17 de maio, passou a exercer as funções de vogal do Conselho Superior de Promoções.

De seguida, inicia-se na vida do general Tamagnini de Abreu e Silva uma época das grandes reverências: o Governo da República Francesa concede-lhe o grau de Comendador da Legião de Honra, que foi autorizado a receber e a usar em 21 de outubro de 1919; recebe a Grã-Cruz da Ordem da Torre e Espada, do Valor, Lealdade e Mérito, “(...) *pelos altos e relevantes serviços prestados à Pátria e ao Exército no Comando em Chefe do Corpo Expedicionário Português, cargo que exerceu desde a sua organização até Agosto de 1918 (...)*”.¹⁹ Tendo antes em 15 de fevereiro de 1919, já sido agraciado com o grau de Grande Oficial da Ordem Militar de Avis.

Em 14 de setembro de 1920; por decreto de 31 de dezembro desse mesmo ano, foi-lhe concedida a Grã-Cruz da Ordem Militar de Avis; pelo rei de Itália, foi agraciado com o grau de Grande Oficial da Ordem da Coroa de Itália e com a Cruz de Mérito de Guerra, que foi autorizado a usar em 20 de abril de 1921.

Ainda nesse mesmo ano, em 8 de outubro, foi nomeado vogal do Supremo Tribunal Militar, cargo que exerceu até 19 de maio de 1923, data em que assumiu a presidência daquele órgão e passou à reserva. Poucos dias antes, a 5 de maio, havia sido condecorado com a Medalha Militar de Ouro da Classe de Bons Serviços, letra C. Tinha então 67 anos de idade.

No ano seguinte, a 27 de fevereiro de 1924, foi escolhido para presidente da comissão encarregada de rever a legislação respeitante a

¹⁹ AHM, Ver caixa 709; Transcrição da Folha de Matricula do General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, incluída no seu processo individual.

mutilados e estropiados de guerra, tendo sido exonerado do cargo, por dissolução da dita comissão, em 30 de junho. Nessa mesma data, recebeu o sexto e último louvor da sua longa carreira militar, "(...) *pela proficiência, atividade e esclarecido critério que demonstrou na elaboração dos trabalhos de que foi encarregado como Presidente (...)*".²⁰ A 7 do mês seguinte, foi nomeado Chanceler da Ordem da Torre e Espada.

O general, já inteiramente na reserva, prefere passar os seus últimos dias na casa que tinha em Lisboa, com a mulher, desfrutando da companhia de parentes mais próximos, especialmente dos seus sobrinhos, que substituíam a ausência de filhos no casal.



Figura 7 e 8 – Algumas fotografias do general comandante do Corpo Expedicionário Português, o general Fernando Tamagnini.

No modesto terceiro andar do prédio estreito e forrado a azulejo verde, situado na rua Joaquim Bonifácio, em frente ao quartel da Guarda Nacional Republicana do Cabeço da Bola, Tamagnini rodeava-se de alguns objetos de estimação, como o sofá preto de crina, tirada dos seus cavalos, quando comandava o Regimento de Cavalaria nº 5, em Évora, os numerosos livros que lia e anotava com rigor e afeição e ainda os múltiplos papéis oficiais e privados que acumulou durante a sua longa carreira militar.

Era ao lado da sala, onde a sua mulher tricotava, e onde jantavam, que o general, no seu escritório, encontrava um espaço para refletir, ler e

²⁰ AHM, Ver caixa 709; Idem.

escrever, frente à sua secretária, recorrendo à estante dos seus livros ou repousando na sua cadeira de balouço de palhinha preta.

No penúltimo ano da sua vida, o general encontra forças e lucidez para aí redigir vários textos sobre a sua experiência militar e sobre os acontecimentos e as pessoas com que se envolveu ao longo da sua carreira. Daí ter dedicado o seu tempo de escrita à produção de uma resposta ao livro do general Gomes da Costa, intitulado “*A Batalha do Lys*”, entretanto publicado. Neste manuscrito de cinquenta e cinco páginas, Tamagnini desarma acusações e corrige declarações escritas nesse livro, por vezes de forma violenta, expressando a sua ira de injustiçado.

A propósito da referência à responsabilidade do Comando do C.E.P., no desastre do 9 de abril, apresentada por Gomes da Costa, o general aproveita, como pretexto de réplica, o convite do major Vasco de Carvalho para fazer o prefácio à sua obra, intitulada “*A 2ª Divisão Portuguesa na Batalha do Lys (9 de Abril de 1918)*”, publicada a 2 de abril de 1924.

Mas a obra que lhe vai ocupar mais tempo, será o seu livro de memórias, no qual descreveu a sua atuação enquanto comandante da 5ª Divisão, antes e depois do comando do C.E.P., e o seu comando à frente da Divisão de Instrução e do C.E.P. em França, desde agosto de 1915 a fevereiro de 1919, intitulado “*Os Meus Três Comandos*”.

Esta preocupação com a escrita e a leitura marcará o fim da sua vida, e a dos que o rodeavam, ao ponto de marcar a memória escrita de um dos seus sobrinhos mais próximos, como foi o caso de Henrique de Oliveira Pinto da França, que afirmava que o seu tio, estava sempre no escritório a ler, e a redigir as suas memórias dos tempos que passou em França, à frente do Corpo Expedicionário Português.²¹

Todavia, esta imagem de escritor e leitor solitário atenuava-se na companhia dos seus familiares, tendo atribuído em testamento os seus bens mais preciosos aos sobrinhos, neste caso, os seus livros usados e anotados. Mas, também era dedicado à restante família, mostrando facetas só visíveis em privado. Neste caso o seu gosto pela escrita, ao ponto de deslumbrar a família com rasgos de imaginação e criatividade, ao brindar os familiares com peças de teatro que gostava de escrever.

²¹ Cf. Isabel Pestana Marques no livro, *Memórias do General*, (1915/1919).

Nos últimos meses de vida, já preso a duas fortes bengalas, tenta terminar o livro de memórias, por decisão própria e de acordo com a opinião do amigo, general João Martins de Carvalho, a quem o dá para rever a obra. A necessidade de justificar-se perante si e os outros, motiva a tentativa de ver o seu livro publicado.

Mas, às 11 horas de 23 de novembro de 1924, com 68 anos, morre em Lisboa, sem concluir a tarefa a que se propôs. Imediatamente grandes homenagens surgem à sua figura, muitas vezes surgindo da parte de alguns que ele acusa no seu livro de o terem prejudicado.

O sobrinho, Salvador de Oliveira Pinto da França, tenta cumprir o seu desejo de publicação. Mas, o conteúdo informativo do livro de memórias do seu tio impede qualquer esforço realizado na época. Ainda era demasiado cedo para os contemporâneos de Tamagnini enfrentarem a realidade narrada pelo homem que viveu os acontecimentos numa perspectiva única e que, progressivamente, foi sendo escamoteada ou ficcionada pelas publicações memorialistas e historiográficas do pós-Grande Guerra.

Considerações Finais

O general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva é a partir de agora o segundo patrono dos cursos da Academia Militar, que desempenhou funções nas duas instituições representadas na formação da Academia Militar, o Exército e a Guarda Nacional Republicana (na época Guarda Municipal), um ano após a Guarda ter comemorado os seus 100 anos de existência.

O seu desempenho, que aqui foi destacado ao longo da sua carreira militar, permitiu demonstrar a relevância do seu papel, como soldado, comandante e homem. Militar enérgico e determinado; comandante na linha da frente de combate em França; mostrou de forma evidente ser um homem de valor e princípios.

Também a sua excecional formação humanista, proporcionou-lhe em períodos de grande insegurança política e social, através da sua alma de soldado, dar um exemplo de abnegação e espírito de serviço, que de forma verdadeiramente desinteressada, nunca o motivaram para cargos políticos, que servissem interesses pessoais, conduzindo-o apenas à execução das missões que lhe eram atribuídas.

Desta forma, as qualidades e feitos do Patrono, general Fernando Tamagnini de Abreu e Silva, serão uma referência importante para os novos alunos dos cursos de entrada na Academia Militar no ano letivo de 2012/2013, no desenvolvimento de toda a sua atividade académica, militar e pessoal nesta escola, e posteriormente ao longo da sua vida profissional e pessoal.

Fontes e Bibliografia

1. Fontes Manuscritas

Arquivo Histórico Militar (AHM)

Caixa 709: Processo individual do General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva

2. Bibliografia

AA.VV., *Grande Enciclopédia Portuguesa e brasileira*, Lisboa – Rio de Janeiro, Editorial Enciclopédia, 1967, Volume 31.

AFONSO, Aniceto, Colecção Batalhas da História de Portugal, *Grande Guerra (1914-1918)*, Lisboa, QuidNovi, 2006.

ANDRADE, Nuno, *100 anos da Guarda Nacional Republicana (1911-2011)*; Lisboa, Editora Guerra e Paz, 2011.

CIDADE, Hernâni, *Portugal na Guerra Mundial: 1914-1918*; In *História de Portugal* com direcção de Damião Peres; Volume VIII, Barcelos, Portucalense Editora, 1933.

CARVALHO, Coronel José Manuel dos Santos Dias de, *Síntese da Evolução Tática, Técnica: Tópicos sobre a Evolução da Organização Militar do Exército Português (1109 a 1993)*; Direcção de História e Cultura Militar, Lisboa, 1933.

FRAGA, Luís M. Alves de, *Guerra e Marginalidade: O comportamento das Tropas Portuguesas em França (1917-1918)*, Lisboa, Prefácio, 2003.

FRAGA, Luís M. Alves de, *Portugal na Grande Guerra: O General Fernando Tamagnini de Abreu e Silva*, Lisboa, Universidade Autónoma de Lisboa, Separata Anais; Série História; Volume II, 2005.

HERMENEGILDO, Reinaldo Saraiva, *Brigadeiro D. Carlos de Mascarenhas (1803-1861)*, Patrono dos Cursos de Entrada na Academia Militar, ano letivo 2011/2012, CAVE, Amadora, 2011.

- MARQUES, Isabel Pestana, *Memórias do General, (1915/1919); que inclui a transcrição da obra "Os meus três comandos" do General Fernando Tamagnini*, datada de 1923; Viseu, Fundação Mariana Seixas, 2004.
- MARQUES, Isabel Pestana, *Os Portugueses nas Trincheiras: Um Quotidiano de Guerra*, Lisboa, Comissão Portuguesa de História Militar, 2002.
- MARTINS, Dorbalino dos Santos, *Estudo de Pesquisa sobre a Intervenção Portuguesa na 1ª Guerra Mundial (1914-1918) na Flandres*, Estado-Maior do Exército, Lisboa, 1995.
- MARTINS, General Ferreira, *Portugal na Grande Guerra*, Volume I e II, Lisboa, Editorial Ática, 1938.
- MATTOSE, Direcção de José, *História de Portugal*, Sexto Volume, Editorial Estampa, Lisboa, 1998.
- MIRA, Ana, *Actas das Sessões Secretas da Câmara de Deputados e do Senado da República, sobre a participação de Portugal na 1ª Grande Guerra*, Lisboa, Coleção Parlamento, Edições Afrontamento, 2002.
- OLIVEIRA, General A. N. Ramires de, *História do Exército Português (1910-1945)*; Volume III, Lisboa, Estado-Maior do Exército, 1994.
- SOUSA, Pedro Alexandre Marcelino Marquês de, *"Tenente-General António da Costa e Silva (1782-1856), 1.º Visconde de Ovar"*, Patrono dos Cursos de Entrada na Academia Militar, ano letivo 2009/2010, CAVE, Amadora, 2009.



EXECUÇÃO GRÁFICA
DO CAVE